

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO DE UM PLANO DE FOMENTO COLONIAL. RESUMO DE UM RELATÓRIO.

MACEDO, Alberto Cardoso Martins de Meneses

Ano: 1942 | Número: 52

Como citar este documento:

MACEDO, Alberto Cardoso Martins de Meneses, Subsídios para o estudo de um Plano de Fomento Colonial. Resumo de um relatório. *Revista de Guimarães*, 52 (3-4) Jul.-Dez. 1942, p. 269-275.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Subsídios para o estudo de um plano de fomento colonial

(Resumo de um Relatório)

(Continuação de pág. 51)

Por sua vez o Sr. Capitão Henrique Galvão, escreve, numa obra sua :

«A educação portuguesa, nos últimos cem anos, só tem preparado homens para a burocracia. Sabem muita coisa, mas, praticamente, nada se faz com utilidade. Há doutrinas e legislação a mais, e realizações a menos.

As nossas colonizações têm falhado, porque se não têm feito estudos sobre as terras destinadas aos colonos, porque se não têm feito instalações próprias para o fim que se tem em vista, porque os govêrnos não têm feito as obras indispensáveis para as terras se tornarem férteis e agricultáveis, como obras hidráulicas para irrigação, boas estradas e caminhos de ferro baratos, para escoamento fácil e económico dos productos, mercados garantidos para a sua venda, etc.»

*

O Relatório da Colonização, do Caminho de Ferro de Benguela, referente a 1938, alude aos prejuizos havidos na agricultura, por causa das irregularidades atmosféricas. Não foi previsto êste contratempo, o que obrigou a despesas com que se não contava.

Considera um êrro subsidiar colonos com ordenados certos, porque sentindo-se garantidos com o subsídio, trabalham sem diligência alguma.

Julga que os colonos devem ser orientados e fiscalizados, porque não sabem trabalhar convenientemente e de harmonia com as circunstâncias do meio. E' preciso produzir aquilo que tenha venda assegurada; e, para que tudo se faça como deva ser, terá de haver boa direcção e segura orientação.

Não se pode dispensar o auxilio do indígena, embora êste seja em número reduzido. Conviria adquirir máquinas, mas não se contara, prèviamente, com esta despesa.

A páginas 46 do referido Relatório, fazendo-se alusão ao terceiro ano de experiência (1938), diz-se:

Parte dos males com que se luta vem da imperfeita escolha dos colonos. Nesta colonização existem:

1.º — Os colonos que pertenciam em Portugal a famílias de lavradores remediados, com uma certa cultura e educação, mas um pouco arredados dos trabalhos manuais.

2.º — *Os que mourejavam em pequenas terras suas, lutando com grandes dificuldades sem conseguirem sair de uma mais que mediocre situação financeira, gente que trabalha, que se agarra por suas próprias mãos à terra, na ânsia de a verem produzir melhor.*

3.º — Os que foram simples jornaleiros, com boa vontade mas com pequenos conhecimentos de lavoura.

4.º — Os que dispõem apenas de uma preparação teórica, mas que, por a não terem acompanhado com a prática, estão em condições deficientes para o trabalho de campo.

5.º — Os que já labutaram em Angola, e se habituaram a mandar pretos e a negociar com êles.

6.º — Os que, sendo trabalhadores e com conhecimentos de agricultura, têm um feitio mau, que os incompatibiliza com tudo e com todos, e os impossibilita de viver em comunidade.

Os primeiros têm, de facto, prosperado, e as suas fazendas estão desenvolvidas. Mas representam o tipo do colono ambicioso, que deseja enriquecer rapidamente, num ritmo acelerado, à custa de todos os recursos, e até de empréstimos, se os puder obter. Com estas características são geralmente insofridos, suportando mal as contrariedades, e revelam uma tendência grande para disporem de muitos braços a trabalhar por sua

conta. São mais aptos para pensar, fiscalizar e mandar, do que para trabalhar. Querem triunfar rapidamente com o fito de regressarem à Metrópole, não se prendendo à terra africana, e não sendo, por isso, os colonos que mais convêm.

Os terceiros vão progredindo com muita lentidão, têm muita hesitação e cometem muitos erros. Necessitam de ser acompanhados, porque não têm os conhecimentos indispensáveis. São trabalhadores e persistentes, devendo terminar por obter vantagens, se souberem receber com boa vontade ensinamentos e conselhos que lhes derem. Colonos que dão trabalho, mas que se podem fixar.

Os colonos do 4.º grupo constituem a massa daqueles que gostam pouco de cansar os braços, e que nada produzem de jeito, porque não sabem trabalhar nem mandar. É uma gente que não vinga, e para a qual a África é terra que se suporta só enquanto não aparece melhor.

O 5.º grupo é formado por aqueles que já viveram em Angola, que já conheceram maus dias e que, à falta de melhor e como último recurso, pensam, por fim, em se dedicar à agricultura, apenas para arranjarem um pequeno capital que lhes permita recomeçar o negócio com o preto, único género de vida que os seduz. Fomos obrigados a utilizar esta última espécie de colonos, para atender a uma certa corrente de opinião, que desejava ver aproveitados os elementos já existentes em Angola. Sem mal-dizer, teremos de notar que, sendo tais colonos educados e habituados a negociar com pretos, não se sujeitam nem os atraí outro género de trabalhos. Para eles, a permuta é o mais agradável, o menos trabalhoso e o mais rendoso. Nunca serão bons agricultores.

Ainda há a considerar o 6.º grupo de colonos, que são os indesejáveis. As qualidades de trabalho e a técnica que porventura possuam, são mais que ofuscadas pela rebeldia e pelo mal-estar e desorientação que à volta de si espalham. São verdadeiros factores de desorganização.

Os autênticos colonos agricultores, aqueles que a nosso ver, e baseados na experiência, convem fixar nos aglomerados são os que constituem o 2.º grupo e que,

propositadamente, deixamos para o fim. Estes têm singrado muito bem, e dão tôdas as garantias de fixação na terra onde se instalarem.

Cita ainda o mesmo Relatório os colonos que tiveram de ser expulsos por prejudiciais, e as terras que estão vagas e que ainda não foram preenchidas por causa do receio de se cair em novos insucessos.

As qualidades pessoais do colono são o grande, o principal elemento de sucesso. Um colono trabalhador, honrado e com vontade de vencer, pode conseguir, com recursos mínimos, muito mais do que outro desprovido daquelas qualidades, embora com maiores meios à sua disposição e grandes auxílios ao seu alcance. Tudo depende essencialmente do homem.

A escolha dos colonos é, pois, importantíssima; e é por isso que só devem escolher-se depois de apreziarmos bem as suas qualidades. O concurso da mão de obra indígena deve ser reduzido ao mínimo, e o auxílio da máquina utilizado tanto quanto possível. Não convem que os colonos se convençam de que vão enriquecer rapidamente, porque esta ambição os perde.

*

Os planos de colonização apresentados no meu Relatório, são, como se vê, fundamentados no que li, vi e ouvi. Os documentos que acabo de transcrever mostram que a orientação dada a êste trabalho se não desvia muito da dos distintos coloniais que cito, os quais, ao terem conhecimento do meu Relatório, amavelmente o elogiaram.

Indiquei a *colonização industrial* como a primeira a pôr em marcha. Com os maquinismos que em Portugal estiverem a produzir para as colónias montar-se-ia em Africa uma grande fábrica, pelo menos. Quando essa fábrica estivesse pronta a funcionar, e as casas de habitação em condições de receberem o pessoal europeu, para ela seguiria acompanhado das famílias, com viagens pagas pelo Estado. Logo após a chegada, poderiam assim dar comêço à sua vida de trabalho.

Como o nosso pessoal operário está geralmente ligado a famílias de lavradores, parte das quais satisfazem por completo a tôdas as exigências requeridas

pela colonização agrícola, poderiam tais famílias, e outras que estivessem nas mesmas condições, constituir um núcleo desta segunda modalidade de colonização.

E assim, com a precaução devida, para evitar os erros do passado, se conseguiria atingir um fim de notável interesse geral.

Considero, pois, a Colonização como o primeiro e mais importante passo a dar, quer para o progresso de Angola, quer para atenuar graves dificuldades que afligem a Metrópole.

Os indígenas, adaptados pela natureza às irregularidades dos maus climas africanos, não devem ser desviados da agricultura colonial, onde são insubstituíveis e indispensáveis. Já faltam trabalhadores dêstes em algumas regiões, o que obriga os agricultores a recrutá-los onde a população é mais densa. Mas esta necessidade é sempre prejudicial, porque fica mais cara a mão de obra, com o custo dos deslocamentos e salários mais elevados, e porque o indígena tem relutância em deixar a sua aldeia e família. Além dêstes inconvenientes, devemos acrescentar o do aumento da emigração, proveniente de o preto preferir trabalhar nas colônias vizinhas, quando é obrigado a sair do seu povoado. Estes e outros motivos, concorrem para se verificar em Angola um certo decrescimento na população indígena.

São grandes os inconvenientes resultantes de se pretender desviar o indígena dos trabalhos onde é indispensável, e empregá-lo em serviços ao abrigo da acção do tempo dentro de fábricas, mais próprios do europeu que não tem igual resistência. Há, contudo, pretos com notáveis aptidões e inteligência, que devem ser aproveitados para determinados serviços. Mas, regra geral, o preto deve empregar-se na agricultura ou em serviços pesados, ao ar livre, e o europeu em trabalhos mais suaves e, quanto possível, abrigados.

A industrialização das colônias não deve ter unicamente em vista enriquecer individuos ou companhias comerciais. Deve procurar trazer à Metrópole, e à Colónia, um benefício de ordem geral, sem prejudicar o industrial português; julgo ter indicado a forma de se atingir êste fim. O operário não pode sonhar em enriquecer no ultramar, mas o industrial não deve pretender explorar a sua situação precária.

Se para as fábricas do Ultramar fôsem recrutados operários europeus, evitar-se-ia, como já disse, o aumento do número dos desempregados, e para tal contribuiria igualmente o embaratecimento das fazendas ali produzidas e vendidas, o que daria motivo a maior consumo, com o correspondente aumento de produção e, conseqüentemente, mais largo emprêgo de operários. O industrial interessado na indústria colonial, teria, com êste desenvolvimento, lucros que lhe compensariam quaisquer prejuízos na Metrópole, e a Colônia caminharia, com segurança, para um superior grau de prosperidade e grandeza.

Não pretendemos impôr a ninguém o nosso critério. E' muito natural que haja quem dêe discorde. Fundamentados nas razões aqui anteriormente expostas, julgamos, porém, que outra orientação permitirá porventura que as actividades e iniciativas estrangeiras nos tomem a dianteira e se aproveitem da nossa inveterada falta de previsão.

Muito propositadamente não quis manifestar entusiasmos descabidos e perigosos, nem assegurar êxitos e interêsses garantidos. Isto quer dizer que aconselho prudência. Mas prudência não significa inacção. Possuindo a visão clara de qualquer problema, podemos, contudo, errar a sua solução, se não houver a máxima cautela ao operar. Ora os problemas agrícolas e industriais são daqueles que precisam de todo o cuidado na maneira de proceder, principalmente quando se trate de regiões em que as incógnitas do clima e do solo nos embaraçam, por falta de dados científicos seguros, que só os técnicos nos podem fornecer, após demoradas experiências.

Há culturas pobres, de pequeno rendimento. Outras mais ricas, mas de irregular produção, mais sensíveis e atingidas pelas intempéries. Há indústrias que devem dar o maior interêsse nas colónias, e outras que arruinariam quem as explorasse. Tudo leva a aconselhar culturas múltiplas, que se intercompensem, e não uma cultura única, que pode acarretar uma ruína total. Também deve ser feito um estudo muito cuidadoso sôbre as indústrias a explorar, para assim se evitem graves prejuízos.

Conheço regularmente as necessidades e dificuldades da indústria nacional. Conheço também suficientemente a agricultura colonial, porque dirigi algumas companhias agrícolas em Angola e Moçambique. Conheço terras e culturas, porque, como agrimensor, tive de percorrer muitas fazendas, e verificar muitas explorações agrícolas. Estou devidamente orientado para poder apreciar o valor das indústrias a explorar nas nossas colónias. Assisti à prosperidade e à derrocada de muitas emprêsas. Socorrendo-me, além disso, nesta ordem de estudos, de amizades preciosas, documentei-me com dados fornecidos por funcionários e outras individualidades de indiscutível competência.

Tudo isto representa um somatório de experiência própria, por vezes bem cara, de esforço pessoal, por vezes arriscado, e de ensinamentos da experiência alheia, que tive ocasião de controlar no conhecimento directo dos homens e das coisas. E, com estes elementos, elaborei o *Relatório*, que entreguei à «Companhia do Fomento Colonial», Relatório que não é, nem pretende ser, um conjunto de primores literários, de fantasias aliciantes ou de miragens enganadoras, mas simplesmente um feixe de realidades objectivas, um núcleo de possibilidades existentes. Tracçei um caminho e acautele dos perigos quem tiver de o percorrer.

ALBERTO CARDOSO MARTINS DE MENEZES MACEDO
(MARGARIDE).